



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do programa “Acelera Pernambuco”

Palácio do Planalto, 13 de maio de 2003

Meu caro companheiro e vice-presidente da República, José Alencar,
Meu caro Cristovam Buarque, ministro da Educação,
Meu caro Ciro Gomes, ministro da Integração Nacional,
Meu caro amigo Jarbas Vasconcelos, governador do estado de Pernambuco,
Nossa querida Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna,
Meu caro Marco Magalhães, representando aqui esse grupo de empresários,
Minha querida companheira Marisa,
Crianças de Garanhuns – poderiam ter trazido uma de Caetés, pelo menos,
Prefeitos,
Parlamentares aqui presentes,

Meus amigos empresários. Amigos, porque alguns eu conheço há muito tempo. E amigos, porque aqueles que eu não conheço terei de conquistar para ser um futuro amigo.

Quis a história que o Brasil fosse governado por dois homens, José Alencar e eu, que estivemos no “balaio” daqueles que tiveram menos oportunidades no país. Nem o José Alencar nem eu temos diploma universitário. Mesmo assim, o José Alencar se transformou num líder empresarial muito bem-sucedido e eu me transformei num modesto dirigente sindical também bem-sucedido.

E também quis Deus que, depois de muitos anos, nós dois nos encontrássemos, e, em apenas um ano, decidíssemos o que iríamos fazer juntos neste país. Eu precisava do José Alencar e ele precisava de mim. A nossa história se juntou como um “caso de amor profundo”, como “Romeu e Julieta”, cada um respeitando a sua individualidade. Eu disse, durante muito tempo, que precisaria



provar que resolver o problema da educação no Brasil é mais que uma revolução. É uma profissão de fé, é uma determinação que não poderá ser feita só pelo Governo.

Enganam-se aqueles que pensam que o Governo pode tudo. No Brasil, se quiséssemos medir a qualidade da escola pública, não precisaríamos fazer nenhuma pesquisa, minha querida Viviane, era só andar pelo país e perguntar quantos prefeitos colocam os seus filhos nas escolas públicas que eles mesmos dizem que são maravilhosas, ou quantos governadores colocam os seus filhos nas escolas públicas que eles dizem que são maravilhosas, ou quantos Presidentes da República tiveram os seus filhos nas escolas públicas que eles dizem que são maravilhosas. Ou seja, é maravilhosa para o filho dos outros, para o meu, eu vou procurar uma mais maravilhosa ainda.

E por que isso aconteceu no Brasil? Aconteceu porque, há muitos e muitos anos determinou-se que a educação de qualidade tinha que ser privilégio de uma parcela da sociedade. E isso, certamente, foi determinado como política de dominação. É por isso que o Brasil foi o último país do nosso continente a ter uma universidade. Era preciso aprender na Corte portuguesa, em Paris ou em Londres. Aos brasileiros, aos Silva, seria dado aquilo que sobrasse na educação.

Eu acho que nós não temos o direito de ficar reclamando aquilo que não foi feito. Quando a gente se casa com uma viúva, a gente não fica querendo saber da vida dela com o ex-marido, a gente vai cuidar da nossa vida. Nós casamos com o Brasil. E eu não estou preocupado com o que fez o governo antes de mim. Eu estou preocupado em decidir o que eu vou fazer daqui para a frente. E estou convencido de que dois assuntos são prioridade, acima de qualquer prioridade. Um deles é o combate à fome, porque, sem comer, uma criança não tem sequer disposição de aprender e, sem aprender, essa criança certamente terá o seu futuro incerto. Aquilo que nós nos recusamos a investir, na educação de hoje, possivelmente amanhã estejamos investindo em prisões, na recuperação de crianças e na redução da violência no nosso país.

Quando se discute educação, não se pode discutir custo. Educação significa



investimento. Se uma empresa investe em pesquisa, muitas vezes ela demora 20 anos para colher o resultado, que nem sempre é satisfatório. Mas é um investimento que todo Governo e todo empresário inteligente fazem, porque, se não fizerem, não têm chance de descobrir alguma coisa nova. Possivelmente, a educação seja o investimento mais barato que uma Nação faça.

Eu me lembro do tempo da “Guerra Fria”, das grandes matérias dos jornais brasileiros informando que os empresários iam para tal lugar, porque em tal lugar havia isenção de imposto; isenção disso e daquilo; financiamento para capital de giro. E eu pensava sempre: vai chegar um dia em que o Brasil vai poder ter os seus governadores oferecendo aos empresários, não terreno mais barato ou infraestrutura acabada, porque isso, quem sabe, tem um custo menor, mas infraestrutura para escoamento da produção, educação, com mão-de-obra altamente qualificada e mercado para os seus produtos.

Esses, sim, são três os componentes que interessam a qualquer empresário, de qualquer parte do mundo, para investir no país, e é para isso que nós precisamos nos preparar.

Eu também não quero chamar de projeto não, Viviane e Marcos, eu quero chamar de causa. Essa causa que vocês abraçaram pode ser um exemplo extraordinário de como o Brasil pode encontrar soluções para os seus problemas. Eu dizia ao companheiro Cristovam Buarque que, muitas vezes, as pesquisas são uma coisa abstrata, porque elas dão um número de pessoas que estão analfabetas ou que estão passando fome, mas muitas vezes, não detectam essas pessoas, até porque nem todo mundo tem coragem de dizer que é analfabeto, como nem todo mundo tem coragem de dizer que não comeu.

Eu dizia para o Cristovam: “que tal a gente envolver o mundo empresarial nessa solução, pesquisando, por exemplo, qual a atividade econômica em que há mais mão-de-obra semiquificada ou não qualificada? Qual a atividade econômica que mais trabalha com analfabetos?” A partir daí, nós poderíamos começar a introduzir, nessa relação capital e trabalho, o compromisso de que nenhum galpão



de obras públicas ou de qualquer empresa da construção civil seria montado se não contasse com um espaço para a formação do seu próprio trabalhador.

Isso poderia ser estendido a vários setores da atividade econômica, em parcerias, o Governo contribuindo com a sua parte, o empresário contribuindo com a sua parte e, quem sabe, daqui a dez anos, a gente deixasse de usar a Coreia como modelo de país que em 10 anos deu um salto de qualidade, e começasse a usar nossos estados e cidades que fizeram as coisas corretas neste país.

A história muitas vezes é ingrata, porque os grandes gestos, às vezes, só são percebidos historicamente alguns anos depois. O que vocês estão fazendo, hoje, é mais do que alfabetizar, é mais do que assumir um compromisso com o nosso querido estado de Pernambuco. Parece coincidência, e eu louvo a coincidência, mas o que vocês estão fazendo, na verdade, é transformar um pouco a história deste país.

Eu fico imaginando se cada um de nós na empresa, no Governo, parasse um dia e começasse a pensar o que foi o século passado, quais as oportunidades que perdemos, quais as que aproveitamos. Nós iríamos perceber que, se tivéssemos cuidado da educação na década de 50 do século passado, hoje o Brasil não estaria invejando nenhum país desenvolvido.

Acontece que se pensou pequeno por muito tempo. E agora chegou a hora de pensar grande. E pensar grande significa determinar objetivos, juntar os parceiros capazes de cumprir esses objetivos e colocá-los em execução.

Quero dar os parabéns e dizer que vocês começaram a escrever uma nova página na história do nosso país. Eu não tenho dúvida nenhuma de que o companheiro Cristovam, ministro da Educação e os governadores de estado, sabem, hoje, que nós temos que começar a procurar a sociedade organizada para poder fazer aquilo que o estado sozinho não tem condições de fazer.

Ter um sistema educacional em que as crianças não precisam de provas para saber se vão passar ou não de ano pode parecer moderno e muito bonito. Mas sem um sistema de aferição a gente não sabe a qualidade de ensino que essas crianças



estão recebendo. E vocês começaram corretamente, porque não adianta falar em boa educação se a gente não tiver, dentro da sala de aula, bons professores. Daí por que é preciso tratar os professores com o carinho que eles precisam, porque é uma profissão efetivamente nobre. Quem tem 50 anos, como eu, ou um pouquinho mais, sabe que a professora era uma espécie de “mãezona”, era uma referência para nós e que, ao longo do tempo, foi se banalizando pelo mau tratamento, pelo mau salário, pelas péssimas condições de trabalho, e as crianças, muitas vezes, vão para a escola muito mais no afã de comer do que de aprender. Então, eu acho que vocês começaram bem.

Primeiro, vamos preparar os educadores, dar a eles motivação e, depois, vamos colocá-los na sala de aula. Porque se o professor não tiver a co-responsabilidade de entender que aquela criança será, no futuro, o resultado daquilo que ele ensinou para ela, aí tudo será pior. Por isso, vocês começaram certo e nós precisamos – e o Cristovam sabe disso, na área da educação – cuidar com muito carinho de um processo de reciclagem dos nossos professores, de novos aprendizados, para que a gente possa melhorar a educação no nosso país.

Quero lhes dizer que o gesto de vocês é muito importante e tem grandeza. Eu espero que a gente consiga juntar outros empresários, em outros estados brasileiros, para que a gente possa sonhar em ter, daqui a algum tempo, os nossos estados, as nossas cidades e o nosso país como referência.

Eu digo, todo santo dia: o Brasil precisa dar uma chance a si mesmo, o Brasil precisa acreditar em si mesmo. Não há espaço para a gente ser pessimista. Nós seremos mais ou menos otimistas, a partir daquilo que nós estamos fazendo. Se nós estivermos fazendo coisas boas, seremos otimistas. Se nós não estivermos fazendo, seremos pessimistas. Eu acho que nós temos que ser otimistas, acreditar neste país. E acreditar neste país significa fazer o que vocês estão fazendo, junto com o Instituto Ayrton Senna: começando por onde tudo tem que começar, dando uma oportunidade. Essa é a palavra-chave, que valeu para o Ayrton Senna, que vale para vocês, empresários.



Quantos de vocês tiveram uma oportunidade para ser o que são? Imaginem se o Vicente Feola, em 1958, não tivesse dado uma oportunidade ao Pelé, com 17 anos, de entrar naquele jogo contra o País de Gales. Imaginem se eu não tivesse tido a oportunidade de ir para o Senai: eu não teria sido o dirigente sindical que fui. Imaginem o José Alencar, se tivesse saído de casa para dormir num banco de uma praça e não encontrasse alguém que lhe desse guarida, ele teve essa oportunidade.

Então, o que nós precisamos é de oportunidade. E eu acho que cada um de nós, do Presidente da República ao mais humilde brasileiro que aprendeu a ler e a escrever, temos que estender a mão para aqueles que ainda não tiveram oportunidade. Estender a mão significa que essas crianças não são responsabilidade apenas dos seus pais, ou do Governo. São da responsabilidade da sociedade brasileira.

Por isso, meus parabéns pelo papel que vocês assumiram. A causa é nobre e eu não tenho dúvida de que vocês irão dar conta do recado.

Muito obrigado.

/rss/cms